

SUBVERSÕES DE GÊNERO NAS INSTITUIÇÕES FORMATIVAS

GENDER SUBVERSION AT THE FORMATIVE INSTITUTIONS

Alfrancio Ferreira Dias

Universidade Federal de Sergipe (UFS)
São Cristóvão, SE, Brasil
diasalfrancio@gmail.com

Helma de Melo Cardoso

Universidade Federal de Sergipe (UFS)
São Cristóvão, SE, Brasil
helma.2010@hotmail.com

Resumo. O objetivo desse ensaio é discutir sobre corpos e discursos que questionam e enfrentam as normas de gênero e todas as possibilidades de controle dos corpos nas instituições formativas. Para tanto, analisamos três cenas de pesquisa de campo, realizadas em diferentes tempos e espaços. Mostramos que nas práticas formativas e nos espaços que elas acontecem, há diversos espaços de subversões às normas e enfrentamos ao controle dos corpos, bem como para mostrar que esses lugares são de disputas, que geralmente, nas nossas pesquisas não privilegiamos os discursos que subvertem.

Palavras-chave: Corpo. Instituições Formativas. Subversões de Gênero.

Abstract. The purpose of this essay is discuss about bodies and speeches, which question and face the gender norms and all possibilities of control of bodies at formative institutions. Therefore, we analyzed three fieldwork scenes, accomplished at different times and places. We show that training practices and the places they happens, there are several places of subversion rules and we face the control bodies, and to show that these places are disputes, which usually in our research do not we focus on the speeches that subvert.

Keywords: Body. Formative Institutions. Subversion of gender.



INTRODUÇÃO

Nesse texto propomos discutir algumas inquietações e alguns limites sobre como fazemos nossas pesquisas sobre gênero e diversidade sexual. Nos últimos anos temos desenvolvido pesquisas inspiradas numa abordagem pós-estruturalista, nas quais analisamos as representações, os sentidos e os significados sobre corpo, gênero e sexualidades no campo da educação, especialmente, d@s1 estudantes e docentes. Nesse processo, estamos acostumad@s a focar nossa análise sobre suas significações, as formas de inserção dessas temáticas nos currículos escolares e de formação profissional, nas vivências cotidianas das salas de aula e em outros espaços de socialização educacional, deixando, geralmente, de visibilizar os casos de subversões de gênero ou as políticas individuais de enfrentamento às normas heteronormativas e de governo dos corpos.

As últimas pesquisas desenvolvidas no Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre a Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEPIMG), vinculado a Universidade Federal de Sergipe, ao qual fazemos parte, apontam algumas questões pertinentes para pensarmos o campo dos estudos de gênero e diversidade sexual na educação: a) as temáticas de gênero e sexualidades são silenciadas nos documentos oficiais (DIAS; OLIVEIRA, 2015); b) ainda enfrentamos resistências na materialidade da inclusão da abordagem sobre corpo, gênero e sexualidade nos currículos e nas práticas formativas (DIAS, 2014; DIAS, 2015); c) os corpos produzidos e reproduzidos nas escolas são genericados (DIAS; CRUZ, 2015; DIAS, et. al, 2015) e d) os estereótipos de gênero estão sendo desconstruídos a partir de novas significações (DIAS, 2015).

Sabemos que estes estudos e outros diversos produzidos pelo NEPIMG colaboram para a visibilização dessas temáticas como campos empíricos e de produção de conhecimento. Entretanto, a partir de leituras pós-estruturalistas e pós-críticas estamos procurando sempre nos desconstruir enquanto pesquisador@s. Isso não é uma tarefa fácil, mas possível, tendo em vista que buscamos sempre possibilidades de desconstruções e desaprendizagens. Também por se acreditar que o trabalho com narrativas no campo da educação pode contribuir para pesquisar sobre @s professor@s/estudantes e pesquisar com @s professor@s/estudantes ou pesquisar nas instituições de ensino e com as instituições de ensino, conforme as ideias de Lima, Geraldi e Geraldi (2015).

Com nossas últimas pesquisas pudemos perceber o quanto é importante ampliarmos nos métodos de pesquisas, nos aproximarmos mais d@s participantes, oportunizarmos a el@s novas formas de interação e para consigamos captar o máximo de suas subjetividades. Talvez essas novas posturas que d@s pesquisador@s passem assumir, contribuam significativamente para trazer a tona, os discursos d@s participantes que perturbam, borram, rasgam as normas de gênero pautada na heteronormatividade. Para tanto, acreditamos ser necessária uma aproximação maior com el@s, na perspectiva de que pesquisar sobre esses corpos, com esses corpos, buscando divulgar e dar voz a ess@s participantes que, por muito tempo, estiveram no anonimato ou exclud@s da produção do conhecimento, tanto como agentes produtor@s quanto como sujeitos de pesquisa.

Esse é o principal desafio desse texto: trabalhar com corpos e discursos que questionam e enfrentam as normas de gênero e todas as possibilidades de controle dos corpos. Para tanto, queremos retomar algumas cenas de pesquisa de campo, realizadas em diferentes tempos e espaços para mostrar que nas práticas formativas e nos espaços que elas acontecem, há diversos espaços de subversões às normas e enfrentamos ao controle dos corpos, bem como para mostrar que esses lugares são de disputas, que geralmente, nas nossas pesquisas não privilegiamos os discursos que subvertem.

Partimos da premissa de que os corpos são existenciais, situados e temporais (LE BRETON, 2007). Os corpos passam por processos de resignificação, produzindo novos sentidos, novas formas de representação, novos discursos, em conformidade com o meio social, cultural e educacional em que se inserem. Por essa razão, os corpos se apresentam como objetos problemáticos, quanto em termos

¹ Neste texto, optamos por utilizar a grafia “@” em lugar dos artigos o/a, que tentem a definir e universalizar o masculino (caso da linguagem sexista), ou, ainda, a dicotomizar masculino e feminino, fixando o gênero nessas duas vertentes, desconsiderando outras possibilidades de ser e estar.

de sua definição, quanto em termos epistemológicos, na medida em que abarcam as mais variadas problemáticas e campos disciplinares, com vinculações muito estreitas com a educação. Um corpo em performance, em fronteira, como os das travestis e transexuais, em especial, constitui um objeto crucial desses processos de ressignificação.

As cenas que apresentamos neste texto, trazem em si, o propósito de contribuir para as desaprendizagens de gênero e contribuem para desenvolvermos ressignificações de gênero, para além do masculino e feminino, propondo outras possibilidades de ser e viver suas sexualidades. Elas também propõem a necessidade de desestabilizarmos as normatizações, classificações e hierarquizações no campo da educação. Assim, na medida em que elas forem surgindo, explicaremos o seu uso, situaremos os espaços e se@s participantes.

Cena 1

Em uma das sessões de observação de campo foi possível verificar que uma das professoras chamou a atenção de um aluno de seis anos, estudante do primeiro ano do ensino fundamental. Fez em seguida o seguinte comentário dirigido ao pesquisador: “Professor, não está vendo aquele menino ali com um *jeitinho estranho de mulher*. Acho que ele será *viadinho*! Mas, daqui para o final do ano letivo *eu tiro esse jeitinho dele*”. Perplexo com a expressão do preconceito no comentário o pesquisador questiona: “Como a senhora sabe que o aluno será um homossexual? Só por conta da representação de traços femininos?” A professora foi categórica: “Nas minhas aulas não tolero esse tipo de desvio, pois meninos têm que se tornarem homens e não outra coisa” (DIAS; CRUZ, 2015, p. 36).

Cena 2

Em um dos momentos de observação em atividades de pesquisa realizada com uma turma de 3º ano do ensino fundamental, um aluno chamou atenção de quatro estudantes que ali estavam para desenvolver a temática sobre *masculinidades* e *feminilidades* através de atividades dirigidas. Seus trejeitos, a voz e a forma de falar, além da maquiagem usada, impactavam nas ações que estavam sendo desenvolvidas com os/as alunos/as de faixa etária entre oito e nove anos. De imediato, a docente referindo-se ao aluno com a equipe e disse: Vivo uma situação difícil, pois tenho que ficar *controlando o aluno X* o tempo todo na minha sala de aula. Digo que não é assim que se comporta e que se fala. Quando ele chega com maquiagem eu *faço* ele lavar o rosto, mas não adianta. Ele me enfrenta e põe de novo. No pátio vive sendo “mangado”, mas você pensa que ele liga? Não está nem aí, e continua pelo meio. Parece que ele vive nos testando, *para ver o que fazemos* (sic) (DIAS; CRUZ, 2015, p. 37).

Cena 3

No seu primeiro dia de aula no ensino superior uma estudante transexual encontrou um aluno nos bebedouros de água. Este, ao perceber uma pessoa travesti, uma transexual, um corpo estranho, desviante do que significava feminilidade para ele, logo a questionou em público: “Vem cá, o que é que você está fazendo aqui?” A estudante transexual respondeu: “Assim como todo aluno, eu estou aqui pra estudar”. O aluno continuou a questioná-la: “Mas o que você está fazendo que não está na Cruz da Donzela?” – referindo-se a um povoado onde travestis se prostituem, situado no município de Malhada dos Bois, na BR 101, interior de Sergipe. De imediato, a estudante transexual lhe respondeu: “Não, em vez de estar na Cruz da Donzela, eu tive coragem de passar pelo ensino médio excludente, de sofrer preconceito, mas,

mesmo assim, eu consegui e cheguei aqui. E hoje eu sou aluna igual a você”.

As cenas 1 e 2 foram retiradas da pesquisa “A produção/reprodução de corpos generificados nas práticas escolares” financiada pelo CNPq, realizada no primeiro semestre de 2015, junto a 33 participantes (23 estudantes: 21 mulheres e dois homens) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana (SE) e dez professoras que atuam na educação infantil e nos anos iniciais de duas escolas públicas da Rede Municipal de Itabaiana (SE). Realizaram-se sessões de observação durante o acompanhamento das oficinas do Projeto Educação e Diversidade de Gênero e Sexual vinculado ao Programa de Iniciação à Docência (PIBID) desenvolvido por licenciand@s visando a captar as experiências e posicionamentos das docentes em relação ao trabalho d@s alun@s. Foram desses espaços de observações no campo e com conversas com as docentes da instituição que foi possível coletar depoimentos como os exposto nas cenas 1 e 2.

A cena 3 foi retirada da pesquisa “O processo formativo e a atuação profissional de uma professora transexual”², financiada pela CAPES, na qual buscou-se identificar as políticas e práticas de regulação e subjetivação corporal e de gênero presentes no campo da educação. Utilizou-se uma abordagem qualitativa, através da realização de entrevista narrativa no segundo semestre de 2015, em que uma professora transexual expõe suas experiências de violências e sofrimentos, conquistas e lutas como estudante e professora.

O que essas cenas têm em comum? O que nos interessa nelas? Qual o nosso objetivo em discutilas nesse texto? Com nossas leituras pós-estruturalistas, fomos aprendendo que não é interessante encontrar todas as respostas, mais sim, abrir possibilidades de debates ou dá pistas para @s leitor@s. Bom, explicado isso, as cenas propõem espaços de subversões das normas de gênero e o enfrentamento do controle ou escolarização dos corpos, na qual os corpos do aluno X e da professora transexual perturbavam as construções e imaginários de identificações masculinas e femininas.

As docentes participantes da pesquisa das cenas 1 e 2, utilizam recursos normatizadores nas suas práticas, especificamente quanto à valorização das masculinidades e feminilidades. Estes exemplos expressam a dinâmica reproduzida nas salas de aula pelas professoras com relação à sexualidade. Os estereótipos de gênero organizam as relações e a pedagogia na escola com base no controle da sexualidade, do esquema binário biológico, “ser homem” e “ser mulher”.

A cena 3 demonstra como os gêneros são construídos, pautados pela heteronormatividade, para demarcar os corpos e os lugares de homens e mulheres na sociedade, excluindo os que não se enquadram nesses moldes ou os que estão na fronteira (BUTLER, 2010), como o corpo de uma transexual. Um corpo queer é um corpo estranho, com sexualidade “desviante”, ou seja, um “jeito de pensar e ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indefinível. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina” (LOURO, 2015, p. 7-8, grifo da autora). A professora transexual borrava as representações do que é ser homem e mulher naquele lugar, era um corpo que necessitava ser civilizado e governado.

As professoras e o aluno universitário desprezam a perspectiva da masculinidade e a feminilidade como plurais e socialmente construídas, e não apenas como algo da natureza. Contudo, cabe questionar quais discursos são atravessados nas atitudes das professoras e do aluno, visto que elas podem reproduzir um discurso biológico, no qual apenas temos duas possibilidades de ser, ou se é homem, ou se é mulher. Também, podem reproduzir um discurso religioso, no qual o homem nasce para a mulher e a mulher nasce para o homem, excluindo outras possibilidades de viver a sexualidade;

²A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFS, com protocolo nº CAAE 46779715.6.0000.5546, atendendo às determinações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde sobre a ética da pesquisa com seres humanos. A participante também assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e uso do nome e imagem, conforme a Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde.

e um discurso institucional, no qual os corpos masculinos e femininos devem se representar a partir das características biológicas.

Segundo Goellner (2010, p. 28), desnaturalizar o corpo, pensando-o “como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente um desafio e uma necessidade”. Faz-se necessária a desestabilização dos discursos normativos, dos processos de dominação e dos dispositivos de sexualidade que tendem a educar os corpos e produzir diferenças, opressões, negações, exclusões.

@s personagens das três cenas também possuem corpos que possibilitam subversões. Assim também são observadas nas cenas formas de resistência, ações de enfrentamento a essas normas, pelo posicionamento do aluno X, dando materialidade aos significados, resignificando o seu corpo, o seu desejo e a sua sexualidade, bem como pela inserção e permanência da professora transexual na universidade.

Como dissemos no início desse texto, estamos acostumados a oportunizar, problematizar e fazer críticas @s participantes que tendem a desenvolver uma pedagogia do corpo, tendo como principal junção à normatização dos corpos e com atuação mais intensa aqueles fogem do binarismo do masculino e feminino. Esse discurso de masculinidades e feminilidades foi construído, segundo Le Breton (2007), para demarcar os corpos, o gênero e os lugares de homens e mulheres na sociedade, excluindo os que não se enquadram nesses moldes.

De fato, temos mesmo, que desenvolver diversas críticas a esse trabalho que algumas instituições de ensino ou se@s agentes lançam mão para perseguir ou escolarizar os corpos de alun@s. Entretanto, nestas mesmas pesquisas não visibilizamos ess@s participantes que enfrentam e rasgam essas normas heteronormativas, indo para o campo das disputas. Não contamos suas históricas, suas estratégias de permanências, como vivenciam as relações de poder e micro poderes, seus sofrimentos, suas significações do que é estar nesses espaços e, principalmente, como el@s se percebem em relação aos/às outr@s.

É preciso ir além de mostrar essas ações normatizadoras dessas instituições³, ao pelo menos das que as realizam, faz-se necessário problematizá-las, questionando os usos das normas regulatórias de biopoder e da governabilidade nos corpos nesses espaços. Para Foucault (2015), o biopoder é exercido na carne, no biológico, no corpo, por meio de mecanismos disciplinares, tais como controle dos ditos “trejeitos” e do uso de objetos, na separação de meninos e meninas para realizem determinadas ações, na proibição do uso do nome social e uso do banheiro feminino para travestis e transexuais. Esse último, geralmente, é utilizado como uma “tecnologia” de construção de gênero e discriminação (MISKOLCI, 2013), pois ao negar a uma travesti ou uma transexual o uso do banheiro feminino, a instituição de ensino usa a ordem arquitetônica para o governo dos corpos, ao gerir e conduzir suas condutas, na tentativa de reenquadrá-l@s no lugar em que el@ deveria estar.

Nesta linha de reflexão, nos interessa discutir sobre as estratégias que ess@s alun@s e professor@s desenvolvem para o enfrentamento às normas regulatórias de biopoder e de governo dos seus corpos. O aluno X tinha nove anos durante a pesquisa e ia maquiado para as aulas, apesar de sua professora sempre o obrigar a retirá-la, ele colocava novamente. É justamente, essa ação de enfrentamento que colabora para as desconstruções e enfraquecimento das normas de gênero. A postura corporal, em estar no pátio “sendo mangado” por outr@s estudantes e permanecer ali é uma percepção de que o pátio é um lugar de disputa e que como estudante, aquele lugar também é para seu uso. Não para viver testando, como nos disse sua professora, mas sim, perturbar os sentidos e significados que outr@s alun@s e docentes possuíam sobre o que é ser menino e ser menina.

O aluno X no jogo das disputas passa a se empoderar, quando fica na sala de aula e no pátio, falando, gritando: Eu existo. Eu quero o direito de estar aqui também. Eu sou agredido. A potência desse discurso é muito forte. É um discurso que passa a testar @s profissionais da educação,

³ É importante dizer que nem todas as instituições de ensino produzem condutas preconceituosas, reguladoras e/ou violentas como as que foram impingidas nestas cenas, mas todas podem desconstruir práticas educativas marcadas pelo princípio da regulação normativa de gênero, entendendo-se que a educação também pode ser um campo de desaprendizagem dessas regulações, a partir da convivência com corpos em fronteiras.

propondo novas posturas. Com isso, o aluno X também denuncia uma ideia de perversidade na escola.

A escola passar a ser perversa para @s negr@s, @s gord@s, @s homossexuais, as travestis, @s transexuais, que estão fora ou não representam um corpo idealizado. Estes passam pela ótica de ter que viver em um processo de constituição de subjetividade, construída e marcada a ferro e fogo na vergonha, ou seja, quem suporta viver uma vida marcada pela vergonha. Então nós estamos desperdiçando experiências de aprender na diversidade com ess@s estudantes e docentes, bem como pensarmos as pessoas para além de uma questão do binômio. Para que o biológico não pacifique os corpos nas relações sociais, nas posições de quem ganha mais e ganha menos, se você é negra ou branca, travesti, transexual. Dependendo do seu corpo, das marcas que ele tenha, a pessoa terá posições, prioridades e avançar mais ou menos. Então, a postura do aluno X, as vezes sem saber ainda disso, contribui para essa reflexão.

Nesta perspectiva, queremos retomar a discussão sobre a postura da professora transexual da cena 3, visto que ela também propõe disputas e enfrentamentos à heteronormatividade. Ao ser questionada sobre o seu lugar de direito ou o lugar que a sociedade a propôs como natural para ela, a prostituição, ela também percebe a universidade como uma lugar de disputas, na qual dependendo de suas ações, poderia ser excluída. Claro que não foi fácil chegar até ali, nessa mesma pesquisa, a professora nos relatou todo seu processo de formação excludente, de violências homo-transfóbicas vivido por ela durante toda sua trajetória escolar. Mas o sonho de ser professora a possibilitou um amadurecimento pessoal e de questionamento dessas vivências escolares, que não abriam oportunidade de conhecê-la, nem tão pouco de ser valorizada como ser que influencia e é influenciada.

Sabemos que são poucas pessoas transexuais que conseguem chegar à universidade, talvez pelo fato de terem sido marcad@s pela vergonha e pelas violências de gênero. Apesar de serem poucas, temos que empoderar as pessoas trans para que elas acreditem que podem estar na universidade e para que se diminua o estigma de que o lugar dessas pessoas é o da prostituição.

A professora transexual fez naquele momento um ato político de rompimento ao insulto, pois chama-la de travesti ou transexual não seria o maior dos seus problemas, há vista que ela mesma se apresentava como uma transexual. Essa ação é um que chamamos de política queer, ou seja, essa foi à forma que a professora encontrou para produzir uma reação de orgulho e um corpo político impressionante.

Percebe-se, a partir dessa narrativa, que entra em cena o discurso da heteronormatividade e da determinação e fixidez sexo-gênero, reproduzido pelo aluno. Ao impor a professora transexual um lugar que não a universidade, bem como propondo ao comportamento dela, o status de desviante da norma, uma “aberração”. Esse caso desviar-se das normas de gênero seria “produzir o aberrante exemplo que os poderes regulatórios (médico, psiquiátrico e legal, apenas para nomear alguns) podem rapidamente explorar para alavancar a racionalidade de seu próprio zelo regulador continuado” (BUTLER, 2014, p. 267).

A sociedade fabrica discursos que constroem regimes de verdades, ou seja, “os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (FOUCAULT, 2015, p. 52). Percebe-se, no caso da cena 3, o estudante ratifica um discurso de verdade: o da heteronormatividade e da correspondência natural e linear corpo/sexo-gênero/identidade, criando estratégias de controle e banimento daquele corpo desviante, a fim de excluir a representatividade do corpo transexual. Entretanto, a discussão sobre como um corpo “trans” passa a ser um corpo “estranho” no campo educacional pode ser um artefato importante de mudança, na medida em que esses corpos propõe a@s agentes dessas instituições de ensino questionamentos das representações hegemônicas e imaginários de masculinidade e feminilidade.

Durante a pesquisa, a professora transexual que nos concedeu a entrevista narrativa nos alertou para a ideia de que a disseminação de um discurso contrário à homossexualidade e à transexualidade extrapola os muros das instituições de ensino, ele atravessa outros microssistemas sociais, que proferem discursos de vigilância, punição e exclusão de corpos desviantes. Ademais, não é a mera presença de uma pessoa transexual que perturba, mas o rótulo “trans” desestabiliza as crenças na determinação natural sexo-gênero e os padrões heteronormativos. Ela intui que o corpo dela nem é percebido como “trans”, então não seria o corpo a criar a estranheza, mas a palavra transexual e o rótulo político da pessoa transexual. Esse sim perturba, desconstrói, propõe desaprendizagens.

Ao concluir esse ensaio, queremos retomar nossa escolha de discutir sobre as narrativas dess@s participantes, pois percebemos que algo mudou em nós, algo nos tocou, fez-nos despertar, como nos

diz Larrosa (2002, p. 21): a experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Acreditamos que esses corpos tem esse poder; o poder de perturbar, desestabilizar, de propor desconstruções e desaprendizagens.

Ainda que, há algum tempo, estejamos mergulhados nos estudos de gênero e diversidade sexual, desenvolvendo pesquisas e propondo intervenções, não seremos @s mesm@s. O exercício de pesquisar vai nos transformando, e experiências de campo como essas propõem desconstruções nas nossas concepções sobre por que, como e para que pesquisar. A partir da experiência com ess@s estudantes afirmamos a importância da pesquisa dialógica, para trazer para o debate acadêmico e para a produção do conhecimento educacional vozes como as que apresentamos nas cenas, invisibilizadas e não reconhecidas nesse campo. Esta é, de fato, a maior contribuição deste texto.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Frames of war: when is life grievable?* New York: Verso, 2010.

DIAS, A. F.. Representações sociais de gênero no trabalho docente: sentidos e significados atribuídos ao trabalho e a qualificação. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.

DIAS, A. F. Corpo, gênero e sexualidades: problematizando estereótipos. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 9, n. 16, p. 73-90, jan./jun. 2015.

DIAS, A. F.; DE OLIVEIRA, D. A. As abordagens sobre corpo, gênero e sexualidades no projeto político pedagógico em um colégio estadual de Aracaju, SE. In: *Holos*. Ano 31, Vol. 3. . p. 259-271, 2015.

DIAS, Alfrancio Ferreira; CRUZ, Maria Helena Santana. A produção/reprodução do corpo generificado na escola. *Cadernos de Pesquisa*, v. 22, n. 3, pp. 25-41, 2015.

DIAS, Alfrancio Ferreira; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; SILVA, Francisca Jocineide da Costa e; LUNA, Maria Stella Nunes de. Representações sobre corpo, gênero e sexualidades ao longo da vida: discursos de estudantes de Pós-graduação em Educação. *Revista Cocar*, vol. 09, n. 17, jan-jul, pp. 135-145, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2015.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. 5 ed. Petrópolis, Vozes, 2010.

LARROSA, Jorge J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 17-44, jan./mar. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698130280>>. Acesso em: 20 out. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica/ Editora UFOP, 2013.

MINIBIOGRAFIA

Alfrancio Ferreira Dias (diasalfrancio@gmail.com)



Doutor em Sociologia, Professor do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre a Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEPIMG/UFS).

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1729817235900990>

Helma de Melo Cardoso (helma.2010@hotmail.com)



Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, Psicóloga do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisa: Educação, Formação, Processo de Trabalho e Relações de Gênero – CNPq

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9888060759860938>